

## LÁ NA ESTANTE EMPOEIRADA

**CINTIA LOPES RANGEL**

*Psicóloga, terapeuta de casa, individual e familiar*

**P**ensando em alguns autores que fizeram parte da minha vida, resolvi visitar minha estante de livros. Fiquei ali por horas, olhando uns, folheando outros, mergulhada em lembranças e saberes.

Comecei por um livro que li no começo da minha caminhada como terapeuta de família, naquele momento histórico eu começava a engatinhar no universo da pós-modernidade. No último capítulo do livro *Família e...*, (2006, p. 232) que foi organizado por Ceneide Cerveny, Mariane Feijó, fala da importância do contexto na construção do sentido.

*“O que uma pessoa pensa de si mesma, de sua dificuldade e da possibilidade de apoio dos que a cercam, faz parte de sua identidade, que é constituída nestas relações. Ou seja, a construção de significados, se dá num contexto (socioeconomicocultural) e através da linguagem.”*

Enquanto lia esse trecho observei que ali bem pertinho, na mesma prateleira, estava outro livro de Ceneide Cerveny e Cristina Berthoud, esse com o seguinte título *Visitando a família ao longo do ciclo vital*, no qual li: “O homem somente pode ser compreendido dentro do contexto interacional no qual funciona...” (Cerveny, 2004, p. 22).

Entender o conceito de Cerveny no livro acima me leva à importância das redes sociais e, aqui, incluo o Carlos Sluzki e seu livro, *A rede social na prática sistêmica*. Passando as páginas encontrei essa frase grifada: “A construção de rede é um processo coletivo e individual permanente... um sistema dinâmico que evolui com o tempo e as circunstâncias” (Sluzki, 1997, p. 88).

Lendo esse trecho, lembrei-me das minhas mudanças de domicílios e o quanto me esforcei para formar as minhas redes sociais. Olhei para a prateleira lá em baixo, aquela que ficou esquecida no tempo, vi a quantidade de guias e mapas das cidades onde morei.

Por falar em mapas, avistei na primeira prateleira, na qual coloco os livros mais recentes, *Mapas da prática narrativa*, do Michael White, minha mais nova aquisição, comprada no curso do Instituto Noos sobre grupos. Outros livros que adquiri no decorrer desse curso: *Construcionismo social um convite ao diálogo*, de Kenneth Gergen e Mary Gergen (2010), *Terapia sistêmica de família: da instrução à construção*, de Rosana Rapizo (1998), *Mapeando diálogos: ferramentas essenciais para a mudança social*, (2008) que, ao apresentar na capa o nome de uma das autoras, Mille Bojer, lembrou-me de seu trabalho com grandes grupos, um projeto realmente grandioso, e por fim, *Terapia Comunitária: passo a passo* (2010), de Adalberto Barreto. Costumo dizer que livros são capazes de mudar a nossa vida, esse é um deles, com ele compreendi o valor da simplicidade e das minhas raízes culturais na prática terapêutica.

No meio de muitos livros que não folheio há tempo, encontrei um livro fininho, de capa branca e amarela que fez muita diferença na minha vida. Acredito que no contato com Carl Rogers *et al.*, ainda na faculdade, no livro *Em Busca de Vida: da terapia centrada no cliente à abordagem centrada na pessoa* (1983), começou a minha mudança de paradigma. Segundo os autores:

*Ao invés de ser um expert, o terapeuta se transforma num colaborador, num companheiro na exploração do mundo imediato do cliente. O terapeuta tem de renunciar ao poder e controle sobre a situação que desabrocha e estar preparado para entrar plenamente na dança de possibilidades que os dois juntos criarão. Renunciar ao controle significa que devemos estar preparados para aceitar que o mundo de cada um é único (p.99).*

Outro que me fez refletir bastante foi o livro que Helena Maffei Cruz organizou, *Me Aprende?* (2012). Esse livro foi realmente surpreendente! Levou-me para lugares diferentes na prática terapêutica com crianças.

Aqui incluo o livro do Tom Andersen, *Processos reflexivos* (1991). Dentre muitas pérolas escritas por ele gostaria de iluminar aqui um trecho que diz muito da minha prática:

*A intuição, em meus termos, é um estado de estar aberto às respostas que vêm de “dentro” de mim quando sou “tocado” pelo que “vem de fora”. Os toques que vêm “de Fora”, tais como aquele que ocorrem em uma relação, chegam até os olhos, ouvidos e pele. Se estou aberto e recolho esses toques, terei “respostas” “dentro” de mim que me dirão como reagira aos toques. Uma das respostas que vem do meu interior e na qual fico particularmente atento é a pressão (p.117).*

Com essa ideia, corro o olhar pelas prateleiras em busca de algum livro que se conecte a esse pensamento.

Olha quem está ali! O livro de capa azul, que já li e reli muitas vezes: *Sobre a reconstrução do significado: uma análise epistemológica e hermenêutica da prática clínica*, de Marilene Grandesso (2006). Foi nesse livro que conheci o construcionismo social e muitos outros conceitos que fazem parte ativa da minha prática.

Hoje enquanto folheava, mergulhada em lembranças, parei numa página ao acaso, e esta frase estava grifada com uma canetinha bem brilhante: “*Não há como ser terapeuta apartado da própria vida vivida* (Grandesso, p. 287).” Quando a li pela primeira vez comecei a entender o que realmente era ser terapeuta...

Fico por aqui com as mãos empoeiradas e a cabeça cheia de lembranças, resgato esses livros que escolhi para compartilhar com vocês, para uma prateleira mais nobre com a intenção de revê-los mais vezes. Os outros tantos que ficaram, prometo voltar para folheá-los, pois certamente terão muitas coisas a me dizer...

## REFERÊNCIAS

Andersen, T. (1991). *Processos reflexivos*. Rio de Janeiro: Instituto Noos.

- Barreto, A.** (2010). *Terapia comunitária: passo a passo*. Fortaleza – CE: Gráfica LCR.
- Bojer, M., Roehl, H. et al.** (2008). *Mapeando diálogos: ferramentas para a mudança social*. Rio de Janeiro: Instituto Noos.
- Cervený, C., Berthoud, C.** (2004) *Visitando a família ao longo do ciclo vital*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Cruz, H. (org.)**. (2012). *Me aprende?: construindo lugares seguros para crianças e seus cuidadores*. São Paulo: Roca.
- Feijó, M.** (2006). Família e rede social. In C. Cervený (org.). *Família e... Narrativas. Gênero. Parentalidade. Irmãos. Filhos nos divórcios. Genealogia. História. Estrutura. Violência. Intervenção sistêmica. Rede Social*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Gergen, K., Gergen, M.** (2010). *Construcionismo social: um convite ao diálogo*. Rio de Janeiro: Instituto Noos.
- Grandesso, M.** (2006). *Sobre a reconstrução de significados: uma análise epistemológica e hermenêutica da prática clínica*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Rapizo, R.** (1998). *Terapia sistêmica de família: da instrução à construção*. Rio de Janeiro: Instituto Noos.
- Rogers, C. et al.** (1983). *Em busca de vida: da terapia centrada no cliente à abordagem centrada na pessoa*. (2ª ed.) São Paulo: Summus editorial.
- Sluzki, C.** (1997). *A rede social na prática sistêmica: alternativas terapêuticas*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- White, M.** (2012). *Mapas da prática narrativa*. Porto Alegre: Pacartes.